



ARTE-EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA: UM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

Juliana Natal da Silva¹
natal.juli@gmail.com

Introdução

A arte surgiu há muito tempo e, atravessando gerações, acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Entendida como a forma mais antiga de expressão, segundo Strickland (2004), a arte surgiu com a necessidade de comunicação e expressão do homem primitivo e foi se modificando com o passar dos tempos, contribuindo para a formação e transformação cultural das sociedades.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a arte se integra ao mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos e, assim, com arte, o homem produz suas manifestações e expressa seus sentimentos.

A partir desse entendimento, o que se pretende refletir neste trabalho é o efetivo papel da experiência na arte e na educação para a construção do conhecimento, estabelecendo um diálogo entre arte, experiência e educação, sob o olhar especial de Paulo Freire (1987, 1996, 1999), educador brasileiro, articulado a outros teóricos, principalmente João-Francisco Duarte Júnior (2008), teórico da arte.

É importante destacar que arte, experiência e educação são conceitos abordados em minha dissertação de mestrado, cujo tema é *Recortes da Cidade: a Arte como Lugar de Memória e a Construção de Identidades (Criciúma)*. Sob tal ponto de vista, a experiência representa um elemento fundamental para o estudo, pois é por meio das experiências vividas que se torna possível a construção da memória e do conhecimento.

Arte-educação e experiência

¹Graduada em Educação Artística pela UNESC, Criciúma SC; Especialista em Artes e Metodologias Alternativas pelo BAGOZZI, Curitiba, PR; Mestranda em Educação pela UNESC.



Refletindo sobre a trajetória da arte no ensino, desde a colonização até os dias atuais, percebe-se o uso de técnicas e linguagens da arte para prover a educação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Arte (BRASIL, 1998), o ensino da arte traz significativa contribuição para o conhecimento, permitindo que os alunos revelem modos de pensar e sentir, de forma a integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade, fundamental na construção da sua identidade e consciência ao permitir que compreendam melhor sua inserção e participação na sociedade.

Assim, a educação pensada no presente resume-se à educação por meio da arte. Duarte Júnior (2008) relata que, em 1943, Herbert Head propôs a educação por meio da arte que, posteriormente, foi abreviada para arte-educação. Essa educação possibilita a construção de um sujeito capaz de conquistar autonomia e criticidade frente às complexidades que o cercam, o que contribui para a formação da sua identidade. De acordo com o autor, essa educação entende que a arte torna possível o seu próprio método de ensino, não como metas da educação, mas como a busca pela “[...] constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático” (DUARTE JÚNIOR, 2008, p. 12).

Como diz Freire (1999), somos seres inacabados e, nesse pressuposto, temos a consciência de que precisamos ser educados. Freire e Guimarães (1987) contribuem com suas reflexões sobre a educação popular dando ênfase à experiência vivida pelo povo e ressaltando que as linguagens de uso comum são carregadas de experiências vividas e decisivas para o processo de aprendizagem.

A contribuição de Duarte Júnior (2008), por sua vez, mostra que, desde muito cedo, a criança tem contato e apropria-se da cultura e da linguagem da comunidade onde vive e, conseqüentemente, procura expressar-se e aprender por meio dela. Um novo conceito é aprendido quando “se prende” às experiências anteriores vividas, as quais são sempre seguidas de simbolizações que permitem explicá-las. Nos dizeres do autor, “este é então o mecanismo do conhecimento humano: um jogo (dialético) entre o que é sentido (vivido) e o que é simbolizado (transformando em palavras, ou outros símbolos)” (DUARTE JÚNIOR, 2008, p. 21).

Freire (1999) pensa a experiência na prática da liberdade como um meio de emancipação para a construção do sujeito. No entendimento de Duarte Júnior (2008, p. 65-66), “pela arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos, naquilo que escapam à linearidade da linguagem”. Sob tal ponto de vista, o ensino da



arte vem para concretizar essa simbolização do que foi vivenciado e valorizar a trajetória da experiência e os elementos gravados na memória, o que contribui para maior autonomia e criticidade do sujeito frente às complexidades do mundo e rumo à formação da própria identidade, como mencionado.

Duarte Júnior (2008) e Freire (1987; 1996) concordam que a educação deverá fazer sentido para o homem, pois assim, e só assim, ele sentirá a necessidade de ser educado. Dessa forma, a educação por meio da arte poderá estimular o seu desejo de aprender e, como diz Freire (1999), deverá propor ao povo uma reflexão sobre si mesmo. O entendimento de Barbosa (2012) sobre a arte vem no mesmo sentido: é preciso permitir ao aluno criar seus trabalhos artísticos, de modo a possibilitar que construa uma identidade e possa compreender melhor seus sentimentos e seu papel na sociedade.

Freire (1987, p. 121) afirma que “[...] os homens são seres da práxis” porque seu fazer é ação e reflexão. É transformação do mundo e todo fazer tem que ser teoria que ilumine ou, conforme o autor (1987), o “que fazer”, teoria e prática como ação e reflexão. Tecendo um diálogo com a arte-educação, e sob o ponto de vista de Barbosa (2012) e sua proposta triangular, segundo a qual se devem levar em conta três dimensões: a apreciação, a produção e contextualização, pode-se dizer, em outras palavras, que ação e reflexão consistem em levar o aluno a uma ação reflexiva em relação à sua própria produção, não somente como apreciador, mas também, como ser atuante do processo, articulando teoria e prática para a aprendizagem. Nessa perspectiva, a arte é entendida em sua natureza de conhecimento.

A experiência em arte, tratada neste texto, é fundamentada no processo de aprendizagem do ser humano: como aprendemos, o que aprendemos e para que aprendemos. Duarte Júnior (2008) destaca a importância das experiências vividas justamente porque é por meio delas que transformamos o mundo no qual vivemos. Para ele, o homem está sempre buscando sentido para sua existência e, nessa busca, vive experiências e adquire conhecimento, motivo pelo qual a arte-educação é fundamental por possibilitar a vivência de experiências práticas e permitir que, a partir delas, o sujeito construa seu próprio conhecimento.

Considerações Finais

A partir das reflexões tecidas neste trabalho, percebi que a experiência sempre foi e sempre será um elemento fundamental para a educação. É importante destacar,



aqui, que as memórias e o conhecimento são construídos a partir das experiências. Desde o início da história das civilizações, muitos teóricos, filósofos e outros estudiosos buscam maneiras de promover a educação dos sujeitos por meio de linguagens diversas, sempre com vistas a inseri-lo na sociedade.

A experiência aqui discutida é a experiência que contribui para educação por meio da arte, já que esse é o objeto de estudo da minha investigação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC. Dessa forma, procurei tratar brevemente os estudos acerca da relevância da experiência para a educação, articulando a pedagogia de Paulo Freire aos conceitos de teóricos da arte, em especial João-Francisco Duarte Júnior.

Paulo Freire e Duarte Júnior concordam com uma educação que tenha por base a liberdade, o diálogo e a realidade histórico-cultural do sujeito. Nessa concepção, a educação é pautada na liberdade de expressão e deve ser democrática, o que leva em conta que o conhecimento é construído a partir das vivências, das memórias e das experiências. Nesse sentido, a educação por meio da arte pensada por Duarte Júnior, é uma educação com base nas experiências vividas.

Tecidas essas reflexões, percebe-se a experiência como um elemento fundamental e que permeia toda a vida. A arte existe e é parte essencial do ser humano, motivo pelo qual nós, educadores, devemos explorá-la, utilizando-a a nosso favor no cotidiano escolar. Aliás, a arte é, na verdade, necessária no ambiente escolar porque abre espaço para que elementos da nossa cultura possam ser construídos e desconstruídos por meio de ações reflexivas sobre as experiências vividas, sobre a importância das memórias para a construção do conhecimento.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte: 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 29 jun. 2018.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 19. ed. Campinas/SP: Papiros, 2008.



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.